

que têm a mesma idade que Xantipo e Paralos aqui presentes, não estão à altura de seu pai, e que a mesma coisa acontece para muitos filhos de artistas? Quanto a estes jovens, não devemos apressar-nos em condená-los; ainda não deram tudo quanto prometem, porque são jovens.

”

PLATÃO. *Protágoras*. São Paulo, Maltese, 1965.

### ANÁLISE E REFLEXÃO

1. Para Sócrates, qual era o início do verdadeiro saber?
2. Faça uma pesquisa sobre o que significavam “ironia e maiêutica” no método socrático.

## 2 PLATÃO:

### A EDUCAÇÃO CONTRA A ALIENAÇÃO NA ALEGORIA DA CAVERNA

PLATÃO (427-347 a.C.), principal discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles, foi um importante filósofo. Nascido em Atenas, de uma família nobre, esteve em contato com as personalidades mais importantes de sua época.

Entre as várias obras que deixou destacam-se *República*, *Alegoria da caverna*, *Banquete*, *Sofista*, *Leis*. Através delas, formula a tarefa central de toda educação: retirar o “olho do espírito” enterrado no grosseiro pantanal do mundo aparente, em constante mutação, e fazê-lo olhar para a luz do verdadeiro ser, do divino; passar gradativamente da percepção ilusória dos sentidos para a contemplação da realidade pura e sem falsidade. Para

ele, só com o cumprimento dessa tarefa existe educação, a única coisa que o homem pode levar para a eternidade. Para que se alcance esse objetivo é necessário “converter” a alma, encarar a educação como “arte de conversão”.

Em sua utópica república todas as mulheres deveriam ser comuns a todos os homens. Para ele as autoridades do Estado deveriam decidir quem geraria filhos, quando, onde e quantas vezes.

Estas e outras teses controversas da obra de Platão não conseguem obscurecer sua contribuição perene para a concepção do homem ocidental e da educação.

#### TEXTO

### ALEGORIA DA CAVERNA

“ — Vamos imaginar — disse Sócrates — que existem pessoas morando numa caverna subterrânea. A abertura dessa caverna se abre em toda a sua largura e por ela entra a luz. Os moradores estão aí desde sua infância, presos por correntes nas pernas

e no pescoço. Assim, eles não conseguem mover-se nem virar a cabeça para trás. Só podem ver o que se passa à sua frente. A luz que chega ao fundo da caverna vem de uma fogueira que fica sobre um monte atrás dos prisioneiros, lá fora. Pois bem, entre esse fogo e os moradores da caverna, imagine que existe um caminho situado num nível mais elevado. Ao lado dessa passagem se ergue um pequeno muro, semelhante ao tabique atrás do qual os apresentadores de fantoches costumam se colocar para exibir seus bonecos ao público.

— Estou vendo — disse Glauco.

— Agora imagine que por esse caminho, ao longo do muro, as pessoas transportam sobre a cabeça objetos de todos os tipos. Levam estatuetas de figuras humanas e de animais, feitas de pedra, de madeira ou qualquer outro material. Naturalmente, os homens que as carregam vão conversando.

— Acho tudo isso muito esquisito. Esses prisioneiros que você inventou são muito estranhos — disse Glauco.

— Pois eles se parecem conosco — comentou Sócrates. — Agora me diga: numa situação como esta, é possível que as pessoas tenham observado, a seu próprio respeito e dos companheiros, outra coisa diferente das sombras que o fogo projeta na parede à sua frente?

— De fato — disse Glauco —, com a cabeça imobilizada por toda a vida só podem mesmo ver as sombras!

— O que você acha — perguntou Sócrates — que aconteceria a respeito dos objetos que passam acima da altura do muro, do lado de fora?

— A mesma coisa, ora! Os prisioneiros só conseguem conhecer suas sombras!

— Se eles pudessem conversar entre si, iriam concordar que eram objetos reais as sombras que estavam vendo, não é? Além do mais, quando alguém falasse lá em cima, os prisioneiros iriam pensar que os sons, fazendo eco dentro da caverna, eram emitidos pelas sombras projetadas. Portanto — prosseguiu Sócrates — os moradores daquele lugar só podem achar que são verdadeiras as sombras dos objetos fabricados.

— É claro.

— Pense agora no que aconteceria se os homens fossem libertados das cadeias e da ilusão em que vivem envolvidos. Se libertassem um dos presos e o forçassem imediatamente a se levantar e a olhar para trás, a caminhar dentro da caverna e a olhar para a luz. Ofuscado, ele sofreria, não conseguindo perceber os objetos dos quais só conhecera as sombras. Que comentário você acha que ele faria, se lhe fosse dito que tudo o que observara até aquele momento não passava de falsa aparência e que, a partir de agora, mais perto da realidade e dos objetos reais, poderia ver com maior perfeição? Não lhe parece que ficaria confuso se, depois de lhe apontarem cada uma das coisas que